
FILOSOFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DOS ALUNOS

PHILOSOPHY IN FUNDAMENTAL EDUCATION AND ITS CONTRIBUTIONS TO THE DEVELOPMENT OF STUDENTS 'AUTONOMY

Brunna Karoliny da Silva Santos 27
Pamella Araujo de Jesus 28
Lúcia Helena Severina de Rezende 29

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de investigar as contribuições da filosofia para criança no desenvolvimento da autonomia, com a proposta de Matthew Lipman, de fazer com que as crianças no ensino Fundamental conheçam a filosofia e que descubram sua finalidade, sendo ela essencial para a formação de pensamento crítico. A metodologia aplicada é norteadada por três processos: leitura, levantamento de questões e discussões, sendo uma pesquisa de caráter crítico e reflexivo, baseado nas indagações de vivências do cotidiano das crianças. Desta forma entende-se que a filosofia é de suma importância para o desenvolvimento do pensar racional, fazendo com que as crianças percebam que são capazes de fazer e construir seus próprios conhecimentos.

Palavras-chaves: Autonomia; filosofia; crianças.

ABSTRACT

This research aims to investigate the contributions of philosophy to children in the development of autonomy, with the proposal of Matthew Lipman, to make children in elementary education know the philosophy and discover its purpose, which is essential for the formation of altruistic thinking. The applied methodology is guided by three processes: reading, raising questions and discussions, being a research of a critical and reflective character, based on the inquiries of children's daily experiences. In this way it is understood that philosophy is of paramount importance for the development of thinking for itself, making children realize that they are capable of making and building knowledge.

Key Words: Autonomy; philosophy; kids

27 Graduada em pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). (bruna-kroll@hotmail.com).

28 Graduada em pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). (pamellaaraujo0630@hotmail.com).

29 Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso, Especialista em Educação para o Pensar, pela Universidade Federal de Mato Grosso, Especialista em Metodologia científica pela Universidade de Urubupungá, Especialista em Educação a Distância, pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Professora efetiva da UEG, no campus de Quirinópolis-GO. Coordenadora do Projeto de Pesquisa "História Social de Quirinópolis sob a ótica dos primeiros moradores", Coordenadora do Projeto de Extensão "Leitura das obras de Lygia Bojunga em Escolas Públicas"; Coordenadora do Curso de Pedagogia, campus de Quirinópolis, UEG. (lucia.rezende@ueg.br).

INTRODUÇÃO

O ensino da filosofia no Ensino Fundamental possibilita ao aluno uma oportunidade de expressar sua opinião, discutir valores, fazer reflexões e conquistar a autonomia desenvolvendo o senso crítico e sistemático.

Neste trabalho pretendeu-se percorrer caminhos que nos levassem à Filosofia para Crianças, um projeto que teve sua origem nos EUA com o Professor de filosofia Matthew Lipman, e que foi implementado em diversos países inclusive no Brasil.

O pioneiro da proposta de Filosofia para Criança foi Matthew Lipman que, na década de 1960, preocupado com o desenvolvimento do pensar das crianças, desenvolveu um programa que buscava o estímulo do pensar, de forma significativa e prazerosa. Acreditava que, quando os jovens e os adultos ingressavam na universidade, seu pensamento já estava formado, e tornava-se mais difícil de sofrer mudanças. Observando e vivenciando em sala de aula, a falta de pensamento crítico, Lipman concluiu que o desenvolvimento do espírito crítico e reflexivo deveria ser ensinado desde a Educação Básica. A educação não poderia acontecer apenas para se transmitir conteúdo.

E a filosofia, que é voltada para a formação de um sujeito, moral, crítico, racional e político, seria a disciplina ideal para as crianças promoverem este desenvolvimento. A perspectiva é que as crianças possam entender o mundo de outra maneira e olhar além da realidade em que estão inseridas, dispondo de ferramentas de raciocínio, podendo usufruir e entender os conceitos de realidade. Para LIPMAN: “Talvez em nenhum outro lugar a Filosofia seja mais bem-vinda do que no início da vida escolar, até agora, um deserto de oportunidades perdidas” (LIPMAN, 1990, p. 20).

Dessa forma, a importância do professor no ensino de Filosofia, na formação dos alunos é por fazer com que eles consigam se expressar, pensar, escrever, criticar e debater, preparando-os para o desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico, de maneira que a capacidade de questionar as circunstâncias que estão ao redor, lhes tragam autonomia no pensar primeiro, antes de falar sobre os mais diversos assuntos.

Quando Lipman escreve que se deve ensinar filosofia para os alunos não significa que vão ser ensinadas as teorias dos filósofos, mas, lembrando que fazer filosofia é praticar o ato de raciocinar de forma reflexiva.

Chauí, explicando o que é reflexão, afirma: “reflexão significa o movimento de volta sobre si mesmo, ou o movimento de retorno a si mesmo. A reflexão é o movimento pelo qual o pensamento volta-se para si mesmo, interrogando a si mesmo” (1999, p 14)

Diante dessas reflexões, neste trabalho levantou-se a seguinte questão: de que maneira o ensino da filosofia contribui para o desenvolvimento da autonomia cognitiva da criança?

A pesquisa teve como objetivo geral refletir sobre a importância do ensino da filosofia e como este se aplica no desenvolvimento da autonomia. Teve como objetivos específicos: verificar a importância do ensino de filosofia para os alunos do Ensino Fundamental; compreender quais são os pressupostos filosóficos que podem nortear uma prática educativa e transformadora; analisar as práticas pedagógicas do professor ao trabalhar o ensino da filosofia; investigar a possibilidade das aplicações de aulas de filosofia, como matéria didática, que possibilitem aos alunos desenvolver a autonomia.

Justificou-se pela escolha da temática a necessidade de investigar as contribuições da filosofia para o desenvolvimento da autonomia dos alunos. Dessa forma, a partir dos objetivos apresentados, essa pesquisa classificou-se como exploratória, pretendendo conceber conhecimentos e práticas, voltados para a soluções de problemas distintos, acompanhada da pesquisa bibliográfica para fundamentar e aprofundar os conhecimentos acerca do tema. A partir da pesquisa de campo, a análise dos dados coletados seria qualitativa, buscando compreender o comportamento do indivíduo, suas peculiaridades e vivências, em um ambiente natural, com fonte direta para a coleta de dados.

Durante a pesquisa de campo pretendia-se fazer o uso em sala de aula, tendo como base o uso das entrevistas e questionários com os professores e os alunos, para que se percebesse a importância ou não, do uso da filosofia, e da metodologia da Comunidade de Investigação, criada pelo filósofo e professor Matthew Lipman, que desenvolveu o programa de Filosofia para ensinar as crianças e os jovens a refletirem melhor.

Mas houve um contratempo em relação ao pretendido e o possibilitado. Devido à Pandemia que assolou o mundo, com a disseminação do Covid 19, a pesquisa de campo não foi possível de ser realizada, uma vez que as aulas foram suspensas em todas as escolas do país. A Comunidade de Investigação que se instala na sala de aula, para se aplicar a Filosofia para Crianças, não poderia ser realizada de forma virtual porque, para que ela aconteça é necessário o círculo, o olho no olho, a interação, o que ficou impossível de acontecer.

Neste caso, foi necessário promover uma mudança em relação ao segundo momento da pesquisa. Decidiu-se então, iniciar a criação de um roteiro de atividades filosóficas, que pudessem ser aplicadas pelos professores da primeira fase do Ensino Fundamental, mais especificamente, professores do quinto ano do Ensino Fundamental, a partir da leitura da obra *O sofá estampado* de Lygia Bojunga. Foram apresentadas poucas atividades, cujo objetivo é traçar um rumo para que os professores que se interessarem na aplicação, possam desenvolver

muitas outras atividades e até mesmo criar atividades semelhantes a partir de outros textos dirigidos às crianças.

O trabalho escrito foi dividido em duas seções, com algumas subseções. Na primeira seção foi inserida a parte teórica da pesquisa bibliográfica e na segunda seção constam as atividades a serem desenvolvidas, a partir da obra *O sofá estampado* de Lygia Bojunga.

1 A FILOSOFIA PARA CRIANÇAS

A inserção da Filosofia nos primeiros anos do Ensino Fundamental ainda ocorre de forma bem lenta, principalmente em países em que os governos tentam tirar a Filosofia, até mesmo do Ensino Médio. Mas não são somente os governantes, existem também muitos educadores e também muitos filósofos que não são a favor do ensino da Filosofia para Crianças, afirmando que é uma área do conhecimento de difícil acesso, hermética, que não seria compreendida por elas. Mas Lipman, demonstra que a Filosofia aplicada nos primeiros anos do Ensino Fundamental não seria uma filosofia de conteúdos, mas sim, uma filosofia de desenvolvimento de habilidades.

1.1 Surgimento da Filosofia para Crianças

Em 1960 o Programa de Filosofia para Crianças surge, criado pelo professor e filósofo norte-americano Prof. Dr. Matthew Lipman. Ele nasceu em Vineland, Nova Jersey, em 24 de agosto de 1922, e faleceu em West Orange, Nova Jersey, em 26 de dezembro de 2010, Ele tomou a decisão de trazer a filosofia para os jovens, no decorrer de sua carreira como professor na Columbia University, quando percebeu a dificuldade que os alunos tinham em raciocinar com clareza e entender os mais diversos conceitos. Em pesquisas que realizou, concluiu que as crianças e os jovens, passam pela escola, mas não desenvolvem as habilidades de pensar reflexiva e criticamente. Eles recebem uma educação voltada para a assimilação e aceitação de conteúdos prontos.

Partindo desta conclusão, Lipman buscou meios de ensino para que os jovens desenvolvessem a habilidade do pensar bem, de forma organizada, lógica e racional, logo nos primeiros anos de escolaridade. E foi na lógica que ele encontrou a melhor forma de ajudar a criança e o jovem a pensar melhor.

Somente a lógica contém os critérios em que o raciocínio sólido pode distinguir-se do raciocínio insólito; ela é, portanto, uma disciplina única entre as ciências, de incalculável valor para uma abordagem educacional que objetiva desenvolver o pensamento (LIPMAN, 1990, p. 80).

Lipman criou um programa direcionado às crianças, conhecido como Filosofia para Crianças. Ele tinha por base os autores John Dewey e Lev Vygotsky. Em seu método buscou inserir textos literários que poderão levar a criança a um questionamento sobre os textos, por meio de uma leitura compartilhada, desenvolvendo o interesse da criança pela leitura e pela reflexão sobre o conteúdo expresso no texto, Lipman acreditava que a Filosofia auxiliava o raciocinar das crianças e dos jovens, facilitando todas as opções de conhecimento disponíveis, trabalhando todos os seus sentidos, e o desenvolvimento das habilidades cognitivas, conseguindo um âmbito maior de possibilidades para o pensamento crítico e reflexivo. Trabalhando desde as primeiras séries, com a Filosofia para Crianças, tornava a criança, que é um ser em constante evolução, uma pessoa atenta, reflexiva e crítica sobre o ambiente em que vive.

Assim, Lipman deu início ao seu programa de ensino, voltado para a indagação dos conceitos. Lipman acreditava que, através de uma forma dialógica, de interação entre as crianças, as habilidades cognitivas poderiam ser desenvolvidas.

Mediante o trabalho com o conteúdo, pudessem ser trabalhadas as habilidades cognitivas necessárias ao desenvolvimento dos alunos. O programa propiciava o acontecer do conhecimento nas crianças e jovens porque os fazia trabalhar com as ideias de forma cooperativa, isto é, dialógica (LIPMAN, 1995, p. 32).

Na obra *A Filosofia vai à escola* (1990, p. 13), Lipman diz: “a Filosofia oferece um fórum, no qual as crianças podem descobrir por si mesmas, a relevância para suas vidas, dos ideais que norteiam a vida das pessoas”. O programa auxilia na criação de conhecimentos e aprendizados, para o questionar, através do diálogo, a própria realidade, através da realidade do outro, da empatia, da alteridade, possibilitando que a criança se coloque e respeite o outro.

O ensino de Filosofia procura preencher todas as necessidades do pensar reflexivo e trabalhar isso com as crianças, transformando esses pensamentos em objetivos a serem concretizados. Refletindo através dos seus atos, da escola, família, do mundo e da natureza, englobando inúmeros aspectos para serem questionados, a criança vai desenvolvendo seu raciocínio e sistematizando os diferentes conceitos. Para Lipman o “Pensar bem”, é a capacidade de fazer associações de forma diferenciada e elaborar ideias a partir da realidade vivida. Para a filosofia, o questionar é mais importante do que o responder. É no questionamento que se encontram os porquês, que se percebe as diversas possibilidades de se chegar a uma

solução, e muitas vezes, a solução leva a novos questionamentos, produzindo assim uma dialética no próprio pensar. Matthew Lipman, destaca que: “o raciocínio é mais efetivamente cultivado no contexto da filosofia”, pois a Filosofia possui âmbitos para trabalhar todo o raciocínio e elevar o nível deste pensar, criando maneiras e consecutivamente bases para se trabalhar outras disciplinas.

Segundo Chauí:

A reflexão filosófica organiza-se em torno de três grandes conjuntos de perguntas ou questões:

1. Por que pensamos o que pensamos, dizemos o que dizemos e fazemos o que fazemos? Isto é, quais os **motivos**, as **razões** e as **causas** para pensarmos o que pensamos, dizermos o que dizemos, fazermos o que fazemos?
2. O que queremos pensar quando pensamos, o que queremos dizer quando falamos, o que queremos fazer quando agimos? Isto é, qual é o **conteúdo** ou o **sentido** do que pensamos, dizemos ou fazemos?
3. Para que pensamos o que pensamos, dizemos o que dizemos, fazemos o que fazemos? Isto é, qual é a **intenção** ou a **finalidade** do que pensamos, dizemos e fazemos? (1999, p 12).

Lipman (1990) propõe que as salas de aulas sejam transformadas em Comunidades de Investigação, para ser o espaço em que a criança exercitará a liberdade de pensar filosoficamente.

REEDUC
REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO

Portanto, a sociedade que quiser que da escola saiam pessoas reflexivas e racionais deve cuidar para que o ambiente da própria escola seja reflexivo e racional. Tentar a educação de valores numa instituição pública que prefere não examinar seus próprios procedimentos é um exercício de futilidade (LIPMAN,1990 p. 79).

Lipman (1990) demonstra como a criança, ao aprender que tem que esperar a sua vez para falar, para ouvir e para reelaborar as suas falas, desenvolve, a partir da interação com outras crianças e o professor, a prática dialógica, que lhe possibilita construir os seus conhecimentos.

1.2 O método de Filosofia para Crianças, criado por Lipman

Lipman criou um método e um currículo para a disciplina de Filosofia para Crianças, que envolvia todo o Ensino Básico. Desde a Educação Infantil, até os últimos anos do Ensino Fundamental.

O currículo, criado por Lipman, foi constituído por seis livros de historinhas literárias:

1.2.1 *Elfie*

Elfie é a novela que Lipman escreveu para ser usada na Educação Infantil, para crianças que estão iniciando a vida escolar, e enfrentam o problema da adaptação escolar. A ênfase das indagações a partir deste módulo é sobre adaptação, mas também sobre a aquisição da linguagem.

1.2.2 *Issao e Guga*

Ainda se dá ênfase na aquisição da Linguagem, mas já voltando-se para intensificar, através do diálogo, a consciência perceptiva da criança, em relação a si mesma, às outras crianças e em relação à natureza, fazendo uma breve introdução à zoologia e à ecologia.

1.2.3 *Pimpa*

Enquanto as novelas anteriores trabalham a aquisição da Linguagem, em *Pimpa*, já se trabalha a o significado da Linguagem, dando uma maior atenção às estruturas semânticas e sintáticas. Possibilitando uma aquisição maior de conhecimento em relação à causalidade, ao tempo, ao espaço em que se vive e se rodeia.

1.2.4 *Ari dos Telles*

Já voltada para os últimos anos do Ensino Fundamental, mais especificamente para os sexto e sétimo anos, A preocupação exposta neste texto, é que ocorra a aquisição da **lógica** formal e informal, recriando as diversas maneiras que as crianças têm de pensar e de agir, demonstrando como elas podem aprender umas com as outras e não somente com o professor. O professor torna-se apenas um mediador. Ele não é mais aquele que vai trazer respostas prontas, mas aquele que está ali, na sala de aulas, para auxiliar no desenvolvimento.

1.2.5 *Luísa*

Voltada também para os últimos anos do Ensino Fundamental, especificamente para o oitavo e o nono ano, tendo já desenvolvidas as habilidades cognitivas, os principais conceitos, este texto volta-se para a inserção das questões éticas e morais, promove uma possibilidade de debates sobre as crenças, sobre as certezas, e também enfoca as questões de justiça, sobre a natureza das regras estabelecidas pela sociedade.

1.2.6 Satie

Nestes textos as personagens das anteriores como Pimpa e Ari, reaparecem, agora já mais velhas e com mais conhecimentos. Volta-se para a produção de textos académicos por parte dos alunos, para a superação dos diversos bloqueios que aparecem nesta fase da adolescência.

As histórias lipmanianas, significam uma grande inovação pedagógica, para que as crianças, consigam compreender o que está sendo ensinado para ela, criando uma sala de aula inovadora.

As ideias filosóficas estão espalhadas profusamente em cada página, de modo que é rara a criança que possa ler uma página sem ser golpeada por alguma coisa intrigante, alguma coisa controversa ou algo que a deixe maravilhada. À medida que as crianças que povoam o romance vão se envolvendo numa cooperação intelectual e, assim, formando uma comunidade de investigação, a história se torna um paradigma para as crianças reais da sala de aula (LIPMAN, 1990, p. 22).

Toda criança gosta de ser instigada, de ter sua curiosidade despertada. Criança adora tentar encontrar respostas aos porque, e mais ainda, gostam de questionar, muito mais do que de ouvir as respostas. A Filosofia para crianças vai auxiliar nestes questionamentos, fazendo com que sejam reflexivos.

1.3 Desenvolvimento da capacidade de raciocínio da criança

O caminho para a racionalidade é de extrema dificuldade, cheio de falhas e de tropeços, mas são com estas falhas que os seres pensantes conseguem chegar à determinada lógica. “...cultivar o raciocínio apresenta quase tantos problemas como o próprio raciocínio”. LIPMAN, SHARP e OSCANYAN (2001, p. 82).

Boa parte do que denominamos ser raciocínio, se dá pelo conjunto de saberes comuns, advindos dos familiares e amigos, raciocínio que muitas vezes não são lógicos, que não são científicos, mas que, para alguns, tornam-se verdades quase que absolutas porque são mais fáceis de se adquirir e se conservar.

Lipman (et al., 2001, p. 85) afirma:

[...] não há dúvida de que o drama do bem contra o mal, o conflito dos valores morais, nos atrai com muito mais força do que a secura da lógica”. Aguçamos nossos ouvidos quando escutamos: “– Não mentirás”, esquecendo que o amplo contexto humano em que se dá essa imposição tem a ver com a Existem certezas que foram passadas às crianças desde sua fase de aprendizado e seguem-nas até o final de suas vidas. Um aspecto bastante influenciador é a questão do respeito ao que os mais velhos propagam como correto, que essas crianças aprendem em suas casas, com seus pais e agirão em conformidade com elas, independentemente de serem consideradas certas ou erradas.

Muito antes de terem aprendido a falar, as crianças já demonstram terem atitudes próprias. Uma criança, que quando colocada no berço, começa a chorar, e alguém a pega, ela assimila a informação de que basta que chore para que lhe satisfaçam seu desejo de ir para os braços, para o aconchego. As crianças percebem que o peito da mãe é a fonte de alimento, então quando estão nos braços de outra pessoa e sentem fome, elas irão em direção ao peito de quem as segura, ou seja, elas chegam à conclusão, que irão se sentir sempre seguras nos braços de suas mães, pois são elas quem as alimentam. Isto demonstra que a criança pensa, que ela raciocina. “Em outras palavras, podemos dizer que as crianças pensam indutivamente muito antes de começarem a usar a linguagem. O que a linguagem faz é simbolizar esse comportamento e permitir sua formalização”. (LIPMAN, et al., 2001, p. 86).

As crianças desenvolvem diversas relações habituais, e uma delas é a relação de confiança, que desenvolvem com a convivência com os pais, mas podem perder essa confiança, caso ocorra algum fato que as levem a entender que não podem mais confiar. Por exemplo, quando a mãe ou pai, inocentemente, colocam a criança em uma banheira com a água muito quente, ocorre nessa criança uma perda substancial de confiança. Neste caso pode-se dizer que houve uma inferência, mas ainda não foi um fundamento de raciocínio.

Durante o processo de alfabetização, as crianças iniciam com diversos recursos que a escola ou o professor os podem oferecer. Elas apresentam desde muito cedo a sensibilização e a indignação, diante de tudo que acontece ao seu redor sobre conflitos e contradições. Elas já começam a ter a noção do que está acontecendo, e são capazes de percebê-las, de questionar os fatos e têm ânsia de saber a razão e procurar soluções para esses problemas. As crianças se manifestam com curiosidade e fazem perguntas que às vezes nem os adultos conseguem responder. Elas se maravilham com as coisas do mundo e com as aventuras que vivenciam no decorrer do tempo, fazem comparações em busca de explicações para as dúvidas que as rodeiam.

As crianças começam a pensar filosoficamente quando começam a perguntar por quê? A pergunta “por quê?” é sem dúvida a favorita das crianças pequenas, mas não é uma pergunta simples. Normalmente atribuem-se duas funções principais a essa pergunta. A primeira é descobrir uma relação causal, e a segunda é determinar uma finalidade. (LIPMAN, et al., 2001, p. 87).

As crianças querem saber a razão e a causa por algo ter acontecido e na maioria das vezes só lhes são dadas as causas. Quando essas crianças perguntam por que o céu é azul, ou de onde vem o arco-íris, elas não querem somente saber a causa natural, como um professor explica. Ela está em busca de uma justificativa para a existência do fenômeno e não apenas das explicações que os professores lhes dão.

Nós tentamos ajudar as crianças a distinguirem entre justificção e explicação quando ensinamos a elas a diferença entre coisas feitas de *propósito* e coisas que acontecem por *acidente*. Ensinamos às crianças que elas são responsáveis por aquilo que fazem deliberadamente, mas não por aquilo que acontece acidentalmente. (LIPMAN, et al., 2001, p. 88).

Os acidentes podem ser explicados, mas não precisam ser justificados pelo fato de ter acontecido inocentemente. Mas quando essas crianças são avisadas pelos pais a não fazerem algo e elas o fazem, logo elas estarão fazendo de propósito, e nesse caso, essa ação sendo de propósito, geralmente resultará em uma punição dada pelos pais. Essa punição mostrará para as crianças que elas são responsáveis por suas ações intencionais. Sejam elas crianças, pré-adolescentes, adolescentes ou adultos, tudo resultará em benefícios e malefícios, a partir de suas ações.

As crianças demonstram um comportamento filosófico desde quando começam a perguntar os “porquês”. Nesta fase dos “porquês”, percebe-se que as crianças possuem uma grande insistência pelas respostas, postura filosófica que, no adulto, vai diminuindo com o tempo, porque este tem a tendência de achar normal, mesmo o que não consegue explicar. Pode-se dizer então, que as crianças iniciam o amadurecimento logo após a aquisição da linguagem, visto que as mesmas precisam ter vontade própria para raciocinar e fazer as descobertas dos significados. O desenvolvimento na Educação Infantil sobre a aquisição da linguagem, passa por um processo em que as crianças se alfabetizam com a língua materna em que estão envolvidas. Será a primeira língua com a qual ela terá um contato com mais proximidade e durante esse desenvolvimento, que ocorre de maneira individual, e na escola ela vai aperfeiçoar esta língua aprendida.

É natural denominar de inteligente, uma pessoa que consegue responder a várias perguntas. Consideram-na muito mais inteligente do que aquela, que é capaz de fazer perguntas. Na escola a criança aprende a ser questionada e não a elaborar questionamentos e muito menos

questionar as respostas que o professor julga como corretas. Por exemplo, se a pergunta for, “Qual é o valor da soma de $2+2$, as crianças irão responder de imediato que o valor é 4”, porque, desde o início se ensina que $2+2=4$, mas não se questiona por que $2+2$ resulta em 4, de que forma foi determinado que a resposta seria esta, quando surgiu. Na verdade, são as perguntas que tornam um ser como sujeito pensante e não as respostas que lhe são dadas. O questionamento é um exercício de raciocínio. A resposta já é mais um exercício de memória.

Durante a vida escolar, caso seja uma escola tradicional, a criança vai sendo tolhida, seu pensar filosófico vai sendo reprimido. Ela vai perdendo a capacidade de questionar, e vai se acostumando apenas às respostas prontas e elaboradas pelo professor, que muitas vezes trabalha com a teoria de que a criança precisa decorar para devolver em forma de prova. Para provar que memorizou o que o professor escreveu, ensinou.

A este respeito, Lipman entende que:

Por uma peculiar perversão da lógica, ignoramos as autênticas manifestações do raciocínio filosófico que se manifestam na infância, ignoramos a necessidade que as crianças têm de ser desafiadas e apoiadas para desenvolver suas capacidades filosóficas e concluímos que a filosofia é inerentemente inadequada para os jovens, que não têm nem talento nem interesse nisso. (LIPMAN, et al., 2001, p. 89).

A maioria das crianças não possui uma base em casa para lhes auxiliar a se tornarem seres pensantes, indagadores, reflexivos. E na maioria das vezes, não a têm na escola também e por isto, tornam-se jovens incapacitados de elaborar um questionamento mais profundo.

“Enquanto as crianças não veem a realidade como os adultos, a riqueza e a preciosidade de seus pontos de vista a respeito do mundo são desacreditadas e desencorajadas”. (LIPMAN, et al., 2001, p. 90).

As crianças precisam expor seus pensamentos e precisam de alguém que tenha a sensibilidade de ouvi-las, e que seja capaz de ajudá-las, incentivando cada vez mais a independência intelectual, ensinando-lhes que existe mais do que o senso comum que lhes é ofertado, “Geralmente as crianças não desenvolvem suas intuições de uma forma sistemática. Mas o professor pode incentivá-las a considerar as implicações de suas ideias originais, de forma que não se perca a riqueza de suas percepções e intuições”. (LIPMAN, et al, 2001, p. 91).

Transformar a aula em fórum é um dos pontos mais positivos da Filosofia para crianças, fazendo com que as crianças perguntem e respondam às questões que estarão em discussão. Lipman afirma que é importante que todos participem, que é interessante falar sobre assuntos do próprio cotidiano ou assuntos com os quais as criança se sintam confortáveis de conversar, para que haja um maior interesse, e que sejam realizados sem a intervenção do

professor nas respostas, mas que ele faça com que as crianças explorem seus próprios pensamentos e que também façam relatos de experiências relacionados ao assunto proposto.

A partir de uma pergunta feita já surgem vários pensamentos e pontos de vistas diferentes, é necessário que as crianças saibam ouvir e também falar participando ativamente das discussões, por isto, a criação da Comunidade de Investigação é tão importante.

1.4 O Papel da Filosofia Na Educação Para o Pensar

Nas escolas os professores ensinam às crianças os conteúdos que foram preparados para serem transmitidos de acordo com seu planejamento; Planejamento que ocorre de acordo com o currículo que a escola é obrigada a cumprir. Não existe um preparo para que ensinem o desenvolvimento das habilidades de pensamento. O que encontram é apenas um conteúdo a ser ensinado.

Os professores, por seu lado, sentem-se cada vez mais pressionados: as escolas de educação que frequentaram não os preparam para ensinar habilidades de pensamento, e a maioria deles sente que embora competente, só pode ensinar o que aprendeu ensinar. (LIPMAN, 1990, p. 47).

Muito se observa que o raciocínio necessário ao aluno, para a compreensão das mais diversas disciplinas, não é levado em conta pelo professor, porque ele também aprendeu que o aluno já possui as habilidades necessárias para a compreensão do conteúdo. Sendo assim, o professor, geralmente não busca desenvolver estas habilidades, e muitas vezes, sequer sabem como fazê-lo. A preocupação é apenas com o currículo e com a forma de aplicá-lo, mas não se percebe que haja uma preocupação com as reais necessidades das crianças.

Com a preocupação apenas em preparar os alunos para subsequência das séries, não existe a preocupação com o desenvolvimento das habilidades de raciocínio, que as crianças precisam em cada disciplina. Pensar é uma habilidade que vai em busca do sentido. Geralmente os sistemas educacionais têm como fundamento, que as crianças avancem de série com todos os conteúdos aprendidos, e a verificação da aprendizagem ocorre por meio de avaliações que não avaliam a capacidade de reflexão da criança. Ela pode avançar para uma nova etapa, quando ela atinge uma média em notas. As crianças são preparadas para um futuro profissional, mas pode-se indagar, e capacidade de reflexão diante das coisas que lhes são estabelecidas, como podem ser avaliadas? Muito se preocupam com o que as crianças adquiriram sobre os conteúdos de cada matéria, e não se tiveram uma preocupação com o significado, do que lhe é apresentado em cada momento de aprendizagem. Se suas habilidades de pensar foram aprendidas também.

Quando chamam a atenção para o fato de que aos estudantes que iniciam uma nova disciplina devem ser fornecidas anteriormente as habilidades necessárias para o seu domínio, os professores não estão negligenciando suas obrigações, mas estão mostrando sua sagacidade pedagógica: é realmente pedir demais que os estudantes adquiram, ao mesmo tempo, as habilidades que uma matéria exige - aquelas que devem trazer com eles - e as habilidades que precisam ser aprendidas para o pensar *na* matéria. (LIPMAN, 1990, p. 49).

Quando se é criança, a curiosidade é mais apurada, qualquer detalhe é motivo para uma pergunta. Elas vivem em busca de respostas, mas quando crescem, seu interesse tende a diminuir, voltam a pensar que ir à escola é apenas uma obrigação, e não uma forma de obtenção de conhecimentos. “Contudo, se a experiência escolar fosse tão rica e significativa como de fato pode ser, não veríamos tantas crianças detestando ir à escola”. (LIPMAN, 2001, p. 32).

E as crianças passam a não gostar da escola. Se lhes perguntamos o que gosta na escola, certamente ela dirá: gosto do recreio, porque pouco são motivadas, principalmente a partir da segunda série.

Aqueles que passaram por esse processo de dúvidas e que ficaram realmente desesperados, poderiam se sentir compelidos a um reexame da conclusão do raciocínio de Sócrates: nenhuma disciplina busca seu próprio desenvolvimento. Desencorajados e prontos a agarrar qualquer coisa, eles poderiam dedicar-se ao exame daquele quantificador negativo, aquele formidável, monolítico, “nenhuma”. Nenhuma disciplina, nem mesmo uma? E se Sócrates estivesse certo sobre todas, exceto uma? E se houvesse uma disciplina que buscasse tanto o seu próprio desenvolvimento quanto o de todas as outras disciplinas? E se houvesse uma disciplina que se ocupasse com os aspectos problemáticos e contestáveis de todas as disciplinas, prendendo-se nos mais desconcertantes, naqueles que se haviam tornado um problema para elas? (LIPMAN, 1990, p. 50).

E esta disciplina é a Filosofia para crianças. Disciplina que motiva, porque a criança passa a ser aquela que indaga, aquela que aprende com seus colegas, mas ao mesmo tempo, também ensina a eles.

O ensino da Filosofia é tão fundamental quanto todos os outros, não sendo visto apenas como uma mera disciplina, mas sim como um conceito de vida que produz benefícios para o desenvolvimento intelectual e integral do ser humano, com valores éticos e morais, entendendo que a mesma instiga a busca pelo saber, por meio de questionamentos. “A filosofia é atraída pelo problemático, pelo controverso, pelas dificuldades conceituais que se escondem nas frestas e interstícios de nossos esquemas conceituais”. (LIPMAN, 1990, p. 51).

A filosofia leva o aluno a desenvolver um pensamento independente e crítico, buscando respostas e compreensões. A mesma possui uma dimensão inquestionável de saberes que faz com que o ser humano entenda as relações que estão estabelecidas no mundo. Ela também exerce uma forte influência no processo de ensino-aprendizagem, pois a filosofia e educação caminham juntos.

Uma vez que as habilidades necessárias para o pensar nas outras disciplinas têm de ser aperfeiçoadas anteriormente, vemos por que a filosofia precisa deixar de ser um assunto de universidade e tornar-se uma matéria da escola primária – uma disciplina cuja tarefa é preparar os estudantes a pensar nas outras disciplinas. (LIPMAN, 1990, p. 52).

No espaço rotineiro com tudo que as circundam, influenciadas pela mídia e outros fatores, as crianças não conseguem raciocinar de modo autônomo, ou seja, por si só. As crianças passam a aceitar as coisas como lhes são oferecidas, tornam-se alienadas, e crianças alienadas, tornam-se adultos alheios ao que lhe rodeiam. Então a importância de uma educação, que as ajude a terem um raciocínio que implica no desenvolvimento da autonomia, das habilidades de raciocínio lógico e independente, deveria ser inquestionável. “Raciocínio é pensamento em movimento exercendo pressão progressiva para frente”. (LIPMAN, 1990, p. 48).

A filosofia tem um papel muito importante na educação e na vida do ser humano, contribuindo para a formação da consciência crítica, que faz com que as crianças tenham uma visão mais realista, despertando-as para compreenderem os significados que surgem durante esse trajeto que elas percorrem, instigando-lhes a curiosidade e o pensar bem. O pensar bem, permite que as mesmas adquiram facilidade para entenderem o motivo de estarem aprendendo as matérias específicas, adquirindo a capacidade de questioná-las e refletir sobre elas.

Seja como for, pode-se efetivamente argumentar que a filosofia é a disciplina cuja forma e pedagogia são uma só coisa. Até onde isto for assim—que a forma dialética da filosofia é idêntica à sua pedagogia —, a filosofia fornece um modelo formidável para o processo educacional como um todo. (LIPMAN, 1990, p. 53).

A filosofia não é ensinar uma ideologia ao aluno, é abrir caminhos para que o aluno entenda que não existe apenas uma forma de pensar, de ver o mundo. A filosofia possibilita que as crianças sanem dúvidas, que muitas vezes pais, familiares, amigos ou até mesmo professores, não conseguem esclarecer. Ao adquirirem a capacidade de efetivar o raciocínio lógico, os questionamentos serão levantados naturalmente.

Todavia, há algo de mais significativo que a filosofia traz à procura da excelência do pensamento, e que é sua subdisciplina de lógica. [...] Ainda que os lógicos possam divergir sobre uma e outra questão, é em geral reconhecido que as considerações da lógica são de grande importância na determinação do que significa ser racional. Uma vez que a racionalidade é o objetivo primordial da educação reflexiva, a lógica tem muito com que contribuir ao cultivo do pensamento (LIPMAN, 1990, p. 111-112).

As crianças precisam ter acesso a histórias, a contos de fadas, para ativar a imaginação, a criatividade. A partir deste envolvimento com o mundo fantástico, é possível também que ela passe para o mundo da lógica, da reflexão.

Ajudar as crianças a crescerem significa criar desafios adequados a cada estágio. Não é suficiente desafiá-las a desenvolver sua capacidade lógica, embora esse desenvolvimento seja necessário. O seu crescimento depende também do estímulo dado a sua criatividade e a sua capacidade de invenção. A não ser que as crianças possam imaginar como as coisas poderiam ser, e como elas mesmas poderiam ser, será difícil que elas estabeleçam objetivos, em busca dos quais possam crescer (LIPMAN, et al, 2001, p. 95).

Ouvindo e imaginando outros mundos, cria-se a possibilidade de a criança questionar o mundo em que vive. E os questionamentos geralmente usam o processo reflexivo da lógica formal. Mas quando se passa para ensinar a criança a ter um pensamento lógico-reflexivo, a capacidade de questionamento se estende, se amplia.

1.5 O Diálogo Filosófico

Algumas crianças hesitam em falar e expressar suas ideias por vergonha ou medo de errarem, medo de julgamento por parte do professor, ou dos colegas. O professor mediador, quando trabalha com Filosofia para Crianças, vai observar todas as crianças de forma igual, buscando promover a interação entre todas, desde aquela mais falante até aquela mais quieta, de forma que todos sintam-se valorizadas. O professor tradicional tem a tendência de se dirigir mais àqueles que são mais espontâneos, deixando de lado aquele que pouco se pronuncia em suas aulas. Já o professor mediador promove a igualdade, dando voz a todos. Mostrando, com atitudes, que todos dizem coisas importantes, que todos têm a mesma capacidade reflexiva.

Conseguir uma boa discussão, depende muito de como o assunto vai progredir, o que pode variar de turma para turma. Neste caso, cabe ao professor fazer a mediação do debate, o professor deve se preparar, deve ter consciência do que pretende com cada aula de Filosofia. Ele é um mediador, é um professor que estudou, que entende bem o que é a Filosofia para crianças. Somente assim poderá promover esta Comunidade de Investigação e propiciar uma boa discussão. “A questão é que podemos dizer se é uma boa discussão a partir do que surge à medida que a discussão progride” (LIPMAN, et al, 2001, p. 155).

O professor deve oferecer às crianças situações cotidianas para que possam expressar suas opiniões, que variam bastante. As novelas ou os textos literários têm a função de propiciar a todos, o interesse pelo debate. Muitos alunos se identificarão com os personagens e com as situações vividas por eles. Sendo assim, é importante que a escolha do texto seja compatível com a idade da criança.

É comum que algumas crianças, bem mais falantes, queiram contar todas as suas vivências, que muitas vezes são comparadas com as experiências dos personagens da história, tirando a oportunidade de outras crianças dialogarem. Convém, então, ao professor mediador,

saber a hora de interferir na discussão para que ela continue sendo filosófica, com a participação de todos.

Para dirigir uma discussão filosófica, temos que desenvolver uma sensibilidade para saber que tipo de pergunta é apropriada em cada situação e qual a sequência em que podem ser feitas. Um professor de filosofia pode deter-se sobre o comentário de um aluno, segui-lo, explorá-lo e achar que o comentário de outro aluno não necessita ser examinado porque, neste momento, uma análise mais profunda seria contra produtiva. (LIPMAN, et al, 2001, p. 156).

Esta condução do debate filosófico é bem difícil porque é necessário que o professor esteja sempre atento para que não ocorra a dispersão, a polarização, as ofensas, entre outras situações que desvirtuam as discussões filosóficas. E além disto, não deixar, que o aluno que fez comentários não pertinentes para o momento em que o debate se encontra, perceba ou sintasse diminuído. “Conseguir com que os estudantes se envolvam num diálogo filosófico é uma arte. E como em qualquer arte, um pouco de conhecimento é um pré-requisito – nesse caso, o professor deve saber quando intervir ou não numa discussão”. (LIPMAN, et al, 2001, p. 157).

O professor pode pedir que expressem seus pontos de vista. Se os alunos demorarem para apresentar suas opiniões, o professor pode pedir para a pessoa que sugeriu a questão, que elabore um pouco mais a sua ideia fazendo perguntas como estas: - Por que você achou interessante esse incidente em particular? – Você está familiarizado com incidentes desse tipo? (LIPMAN, et al, 2001, p. 158).

Dessa forma o assunto discutido em sala deve ser iniciado de acordo com os interesses demonstrado pelas crianças, pois quanto mais o professor estimular a classe para o debate, mais entusiasmo pelo tema elas terão.

1.6 Desenvolvimento da Compreensão Ética

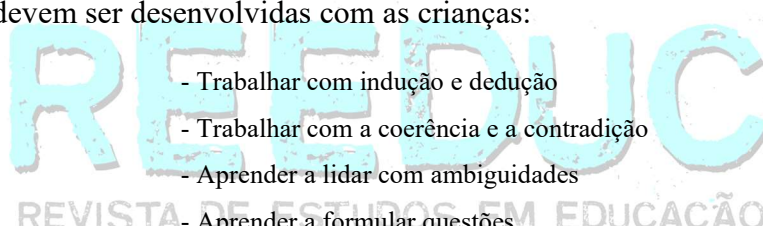
Quando se tem o pensamento e a reflexão sobre a ética, é comum que tenhamos a conceituação habitual de que, esta se caracteriza pela existência de regras, juízos de valor e juízos de moral. Neste ponto é que se tem toda a estruturação da polêmica, visto que, para que se tenha o desenvolvimento da sociedade, qual ou quais seriam as regras que deveriam ser ensinadas? Ou ainda: elas deveriam ser ensinadas? Sobre o que e como se deve ter o juízo de valor particular? Isto deve ser desenvolvido na escola?

Para Lipman,

A educação de valores tem que ser conduzida num contexto cooperativo e comunitário, longe da competição e do individualismo, dos seminários, da ética das faculdades e igualmente longe do raciocínio sofisticado do debate forense. O objetivo não é dar às crianças teorias éticas acabadas pelas quais devem se conduzir, mas sim, equipá-las com as ferramentas da reflexão dentro de um contexto de investigação – isto é, de um contexto cuja metodologia é de autocrítica e autocorreção contínuas. (1990, p 67)

É necessário que a abordagem filosófica seja dada de modo a fomentar a investigação ética, isto é, não se deve fazer com que os estudantes tenham uma memorização de regras, mas sim que eles observem, entendam, questionem e reflitam sobre as questões éticas. E quando estão em grupos, os debates ficam mais ricos, porque surgem posturas diversas, divergentes que não estão em busca de respostas prontas, mas cada aluno vai elaborando seus valores, sua posição em relação ao que o rodeia.

Os valores mudam, as sociedades evoluem ou retroagem, e muitas vezes, os professores ainda ficam presos a valores arcaicos e não permitem que seus alunos também evoluam. A função do professor não é repassar valores, mas possibilitar que as crianças desenvolvam habilidades de raciocínio e reflitam sobre os valores. Lipman cita algumas habilidades que devem ser desenvolvidas com as crianças:

- 
- Trabalhar com indução e dedução
 - Trabalhar com a coerência e a contradição
 - Aprender a lidar com ambiguidades
 - Aprender a formular questões
 - Compreender as conexões de parte-todo e todo-parte
 - Trabalhar com analogias
 - Formular relações de causa e efeito
 - Desenvolver conceitos
 - Identificar e usar critérios
 - Construir hipóteses
 - Contextualizar
 - Antecipar, prever e estimar consequências
- Classificar e categorizar (1990, p 80-81).

Desenvolvendo estas e muitas outras habilidades, a criança aprende a emitir seus próprios julgamentos, ela vai construindo uma base sólida para sua atuação como cidadão. Dificilmente uma criança que tem a possibilidade de desenvolver as habilidades de raciocínio vai se tornar uma pessoa que não preza a ética universal. Porque existem conceitos éticos que são universais e valem para todos os tempos em todos os grupos sociais.

2 DESENVOLVENDO A FILOSOFIA PARA CRIANÇAS, A PARTIR DA OBRA *O SOFÁ ESTAMPADO*, DE LYGIA BOJUNGA

A Filosofia para Crianças consiste na atividade de discussões de assuntos filosóficos, buscando o fortalecimento do significado dos conceitos e o desenvolvimento das habilidades cognitivas, através do diálogo. Mas não é qualquer diálogo. É um diálogo filosófico, com indagações pertinentes. Lipman, criou novelas curtas, para que estes diálogos filosóficos pudessem ocorrer a partir deles. Mas, este diálogo filosófico, mediado pelo professor, poderá também ser exercitado a partir de obras literárias infanto-juvenis.

Para que estes diálogos ocorram, é importante que se crie o que Lipman denominou Comunidade de Investigação. Neste espaço em que se forma a Comunidade de Investigação, existe o respeito pelas ideias dos outros colegas, todos são motivados a se envolverem nos debates, e o professor vai fazendo o papel de mediador. Passa a existir uma investigação colaborativa, como afirma Ann Sharp no seu livro *Nova Educação - A comunidade de investigação na sala de aula*.

A mediação do professor ocorre através de perguntas instigantes, que motivam cada aluno a participar. O professor deve se dirigir ao aluno pelo nome, e observar se todos, sem exceção estão participando. É muito importante que o professor, como mediador, valorize a participação de todos, auxiliando na elaboração das perguntas, quando perceber que o aluno esteja inseguro. Mas sempre valorizando a participação de cada aluno.

Os alunos são motivados a pensar e a refletir sobre suas próprias falas, sobre as falas dos colegas e sobre as falas encontradas na literatura lida. Este método, criado por Lipman, possibilita a formação dos cidadãos críticos, que se tornam capazes de ouvir, de questionar e de argumentar. O aluno, caso discorde do colega, deve argumentar, explicando com detalhes, o motivo de sua discordância. Assim, a criança, já cresce com esta capacidade bem desenvolvida e durante toda a sua vida, vai ser um ser que não vai se contentar com o lugar comum, com as respostas simples, que vai buscar soluções complexas para os conflitos que forem aparecendo neste mundo também complexo em que vive.

Este capítulo, foi elaborado para demonstrar como é possível exercitar a Filosofia para Crianças, a partir da obra de Lygia Bojunga, *O sofá estampado*,

Lygia Bojunga é uma escritora brasileira, nascida em Pelotas, no Rio Grande do Sul, mas foi, com a família, morar no Rio de Janeiro aos oito anos de idade. No Rio de Janeiro foi atriz de teatro e de televisão, mas foi na literatura para crianças que sua arte foi grande. Ela escreveu suas obras, usando um pouco de fantasia, um pouco de realidade, usou como personagens, animais com sentimentos e ações humanas. Apresenta em suas obras, temas sobre

diversos assuntos controversos, como o medo, a morte, preconceitos, diversidade e outros temas tão pertinentes e cada vez mais atuais.

Em *O Sofá Estampado*, colocou como personagens um tatu e uma gata, que falavam, pensavam e sentiam como qualquer ser humano. O sucesso com a garotada foi garantido. As crianças, que geralmente amam os animais, identificam-se tanto com o tatu, o Vítor, que era tímido, retraído e tinha como sonho, ser amado por Dalva, uma gata angorá, animal de estimação, que vivia na casa, sentada em um sofá e era fascinada por televisão.

A identificação das crianças ocorre porque, mesmo sendo animais, eles são carregados de dúvidas, de questionamentos, de incertezas. Vítor é ignorado na escola pela professora e por seus colegas de sala. Situação que muitas vezes ocorre com as crianças, quando estão na escola.

Sendo uma obra que penetra na alma da criança, possibilita que a criança ame ler a obra, mas também possibilita que a partir dela, surjam os questionamentos filosóficos.

O professor poderá ler a obra inteira com as crianças, para que apreciem a literatura e depois de lida, voltar e iniciar os questionamentos filosóficos a partir dela.

Nesta segunda parte, foram elaborados alguns exercícios que poderão ser utilizados para promover as discussões filosóficas. Mas o professor deverá estar atento para os questionamentos levantados também pelas crianças. Ele poderá ir colocando as questões que aqui se encontram, intercalando com as questões levantadas pelos alunos. Estes questionamentos poderão ser escritos no quadro, e poderão sofrer modificações, de acordo com a participação dos alunos.

São atividades que poderão ser usadas por professores de Pedagogia, na Educação Infantil, e nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

Quando for fazer a primeira leitura da obra, é importante que os próprios alunos a leiam. Que todos participem da leitura. Após, feita a leitura completa da obra, volta-se ao início dela para os questionamentos, que serão levantados, a partir de pequenos trechos do texto, que devem ser relidos pelas crianças.

A seguir, foram disponibilizados alguns exemplos, alguns questionamentos que poderão ser levantados a partir do trecho do texto lido.

2.1 O sofá estampado

No início do texto, é feita a descrição da sala, dando ênfase ao sofá. Nele está sempre sentada a Dalva. Dalva, uma das personagens principais, é uma gata, com todas as características e sentimentos de uma humana. Dalva passa o tempo todo sentada no sofá: “Porque o sofá estampado não é só ele e pronto: é ele e a Dalva” (2005, p 11). Dalva é

extremamente obcecada por TV. Passa o seu tempo todo vendo programas e anúncios da TV. A verdade para Dalva está no que a TV apresenta. Dalva não olha o que tem em volta de si. Tem um quadro, tem um vaso de flores, que ela não olha e não vê. Não quer perder nada do que passa na TV. Dalva tem um namorado, o Vítor. Vítor é um tatu. Também com características e sentimentos humanos. Vítor não gosta de TV. Vítor gosta de Dalva. Dalva gosta de TV.

Planos de discussão – Serão apresentados alguns planos de discussão, que irão propiciar o fortalecimento das habilidades cognitivas dos alunos.

2.1.1 Nomes

Vitor e Dalva são animais, mas receberam nomes de humanos.

É importante discutir a questão do nome, porque muitas vezes a criança acha estranho que outra pessoa tenha o mesmo nome que ela, ou acha estranho o nome que um objeto tem, mas nunca para e reflete sobre. São as reflexões estabelecidas desde criança que as transforma em pessoas críticas.

Alguns destes questionamentos poderão ser levantados com os alunos, a respeito de nomes:

- Você tem animais de estimação?
- Você dá nome aos seus animais de estimação?
- Os animais de estimação podem ter nomes de gente?
- Se um animal de estimação tiver o mesmo nome que o seu, você acha que ele poderá pensar como você?
- Um animal, só porque tem nome de gente, pode gostar de assistir TV?
- Para colocar o nome de uma pessoa, em uma animal, é necessário pedir autorização para a pessoa que tem o nome?
- Você é dono de seu nome?
- Por que outras pessoas podem ter o mesmo nome que você?
- O que diferencia duas pessoas que têm o mesmo nome?
- Você acha que o sofá poderia ter um nome diferente de sofá? Que nome você daria, se fosse renomear o sofá? Qualquer pessoa poderia mudar o nome das coisas, como do prato, do garfo, da casa, da árvore, do rio?

2.1.2 Antropomorfismo

O antropomorfismo ocorre quando se atribui características ou sentimentos humanos a animais ou a objetos. Nesta obra, é o que ocorre se a ocorrência é constante, mas ao ler a obra, ninguém se surpreende ao perceber que um tatu e uma gata angorá expõem seus sentimentos, suas angústias. Muitas vezes os autores fazem uso do Antropomorfismo para aproximar seus personagens das crianças. Os questionamentos a seguir podem ser de extrema importância para que as crianças.

- Os animais podem gostar de assistir TV? Eles podem entender os programas de TV?
- Os animais se comunicam com os outros animais?
- Os animais só se comunicam como os mesmos de sua espécie?
- Os animais podem conversar?
- Uma gata e um tatu podem conversar?
- Uma gata e um tatu, sendo de espécies diferentes, podem namorar?
- Você e seu animal de estimação são da mesma espécie?
- Você conversa com seu animal de estimação?
- Existe coisas mais esquisitas do que uma gata e um tatu namorando?

Alguns exercícios também podem ser propostos, mas que devem sempre ser respondidos oralmente e colocados no quadro; A seguir são apresentados alguns que ajudarão no processo reflexivo das crianças.

- Enumere coisas que sejam mais esquisitas do que uma gata e um tatu namorando
- Relate algum fato que você tenha visto ou presenciado, sobre pessoas diferentes que se relacionam.

2.1.3 Diversidade

Este momento da discussão, é propício para se discutir o que é diversidade. Lembrando de demonstrar ao aluno que diversidade é aquilo que existe de diferente entre as pessoas. Diferenças que podem ser culturais, étnicas raciais, biológicas, linguísticas, religiosas, entre tantas outras. Muitas vezes as diferenças entre as pessoas são importantes porque fazem com que elas se complementem. As diversidades devem ser respeitadas, e discutidas. As crianças entenderão a importância do respeito à diversidade existente entre as pessoas.

“Teve gente que achou esquisitíssimo uma gata angorá namorar um tatu e os dois ficarem tanto tempo assim num sofá estampado, ainda mais com a TV ligada. “Pensando bem, tem coisa muito mais esquisita” Foi o que a Dona-da-casa falou quando começaram a comentar o caso. E botou uma pedra no assunto. E não quis mais saber de fofoca. E achou melhor não contar pra ninguém o choque que ela tinha tido quando um dia encontrou na sala e deu de cara com o Vítor e a Dalva, anunciou: “Esse é meu novo namorado” Que choque”. É claro que ela queria pra Dalva, um namorado bem angorá, mas, já que a Dalva não queria, pelo menos ela queria pra Dalva um namorado assim... sabe como é que é, não é? assim... como é mesmo que ela ia explicar?... Assim, feito, ah, ela não sabia explicar direito, mas um bicho diferente do Vítor. Não era por causa do focinho comprido, não, de jeito nenhum! Nem por causa da carapaça. Ela não usava vestido? a Dalva não usava pêlo? então? por que que o Vítor não podia usar carapaça? Claro que podia, ué, cada um usa o que quer e pronto. (2012, p. 14-15).

A partir da leitura deste trecho, inúmeras questões poderão ser levantadas. A seguir, algumas para que se possa iniciar o debate sobre diversidade.

- Todas as pessoas são iguais?
- Você é igual à sua mãe ou ao seu pai?
- As pessoas sendo diferentes é bom ou é ruim?
- Como seria se todas as pessoas fossem iguais?
- As pessoas diferentes podem namora, se casar e ter filhos? Os filhos serão diferentes?
- Um animal racional pode namorar um animal irracional?
- Você já viu pessoas diferentes se relacionando? Achou normal ou achou estranho?
- As pessoas têm hábitos diferentes em relação a outras, que moram em outros países?
- Relacione algumas diferenças físicas e diferenças de hábitos entre as pessoas que moram no Brasil e pessoas que moram no Japão.

Outras questões que forem surgindo poderão ser colocadas para debate. Nunca se deve desprezar nenhum questionamento levantado pelos alunos.

1.2.4 Empatia

Empatia é ter a capacidade de se colocar no lugar do outro, buscando agir ou pensar da forma como ela pensaria ou agiria nas mesmas circunstâncias, Dalva por ser uma belíssima gata angorá, taxada como uma celebridade por ter ganhado concursos de assistir TV, não percebe que Vítor (tatu), seu namorado deseja compartilhar momentos de sua vida com ela, falar sobre como é a floresta em que ele morava, o sonho de conhecer o mar e principalmente sobre o casamento. Dalva parece não se interessar por esses sentimentos que Vitor deseja partilhar.

Essas questões que serão levantadas farão com que as crianças reflitam sobre algumas situações que fizeram ou não parte de seu cotidiano, muitas vezes passadas despercebidas.

O Vítor chegava pra visita, ficava olhando pra Dalva, suspirava apaixonado e perguntava baixinho: —Gostou da carta, Dalva? —A-do-rei. —Não vai responder? — Responder o que, ué. Quer? - e oferecia um caramelo. Só uma vez o Vítor aceitou. Logo no princípio do namoro. Mas o caramelo e o focinho comprido se estranharam, um grudou no outro. Foi uma luta medonha pro Vítor conseguir tirar o caramelo da ponta do focinho e fazer ele entrar na garganta, aquilo não era coisa pra tatu, não passava, a vontade era botar o caramelo pra fora, mas o Vítor achou que a Dalva podia ficar chateada de ver ele cuspidando longe o caramelo que ela tinha dado pra ele e então fez força pra engolir, mas o caramelo prendeu na garganta, quem diz que descia, entalou tão entalado que não ia nem vinha, o Vítor começou a sufocar, já não dava mais pra falar, o bom era enfiar a pata na garganta, mas uma era tão longe da outra! foi ficando desesperado, se sacudiu todo pra ver se sacudia o caramelo também, jogou a almofada longe, desatou a cavar feito doido, e lá pelas tantas berrou de aflição e de dor de morrer assim tão moço e ainda mais por causa de um caramelo de gato. A Dalva fez psiu. Mas com o berro o caramelo saiu. O Vítor ficou respirando forte, exausto, e quando o susto passou ele quis desabafar: — Dalva, imagina o que que aconteceu... — Deixa esse anúncio acabar. Mas quando o anúncio acabou, veio outro e mais outro, e o Vítor acabou não contando nada. (2013, p 24)

A partir deste texto, vários questionamentos podem surgir. Alguns aqui servem para que o debate seja iniciado.

- Por que Dalva não ajudou Vítor quando ele estava engasgado?
- Você acha que Dalva tinha motivos para não socorrer Vítor?
- Quando uma pessoa está passando por alguma dificuldade e está perto de você, como você age? Ajuda, acha melhor chamar alguém para ajudar? Ou ignora?
- Existem, nas ruas pessoas que catam comida no lixo, pessoas que pedem esmola, pessoas que não têm onde morar. Por que essas pessoas vivem assim?
- Quando você vê uma pessoa sendo maltratada por outra, você acha que ela pode ter razão?
- Uma pessoa tem direito de bater na outra?
- Você já apanhou de seus pais ou de algum colega? Seus pais podem bater em você?
- Quando você vê uma pessoa chorando, qual é sua reação?
- Quando você vê um amigo seu brigando com outro, você fica torcendo para seu amigo bater no outro? Você acha certo que seu amigo machuque o outro?
- Quando você vê alguém maltratando algum animal, qual a sua reação? Como você acha que o animal está se sentindo? O que você acha que deve acontecer com alguém que maltrata um animal?
- O que você acha que deve acontecer com alguém que maltrata um animal?
- Você sabe se existem leis que protegem os animais? Estas leis foram feitas pelos homens ou pelos animais? - Você sabe o que é empatia? Explique dando exemplos.

1.2.5 Diálogo

Diálogo é a conversação entre duas ou mais pessoas. Para Lipman, a capacidade do diálogo já acontece em casa, sabendo qual a hora de falar ou não. Já na educação formal se tem o desenvolvimento do reconhecimento de vozes, do entendimento de linhas de raciocínio e a distinção de quais momentos se deve falar e de qual modo.

A Comunidade de Investigação é o conceito que abrange o diálogo investigativo. Uma sala de aula pode ser uma comunidade de investigação a partir do momento em que os seus integrantes têm a capacidade de serem mais hábeis na interpretação das ideias dos demais, promovendo debates e trocando experiências. Lipman ainda acrescenta que os participantes de uma Comunidade de Investigação realizam o desenvolvimento do conhecimento.

É essencial que as crianças saibam da importância que o diálogo deve ter em suas vidas. Que pelo diálogo, resolvem-se conflitos, e situações divergentes.

Entre Dalva e Vítor não havia diálogo, pois Dalva nunca estava disponível para conversar, e isso foi entristecendo Vítor de forma que ele já não aguentava mais, ele acabava tendo a crise de tosse que ele tinha todas as vezes que ficava nervoso ou ansioso.

Dalva, olha pra mim.
—Psii.
—A gente tem que falar do casamento.
—Quando acabar a novela.

REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO

O Vítor foi ficando nervoso; foi sentindo na unha uma vontade de cavar. Respirou fundo: — Escuta, Dalva, mês passado você disse que semana passada a gente ia combinar o casamento; semana passada você disse que esta semana; quando começou a semana você deixou pra resolver ontem; ontem você deixou pra resolver hoje; hoje você diz pra esperar o fim da novela.

- Olha aí, não te disse que a gente tem que morar no endereço certo?
- Tem que morar onde?
- Mas olha, Vítor, olha!
- Pra onde?
- Pra televisão!
- Tô olhando, que que tem?
- Agora já passou, ah! Eles estavam mostrando o endereço certo. Pra ter status a gente tem que morar onde eles mostram.
- Dalva, olha pra mim.
- Hmm?
- Escuta...
- Ai, não aperta a minha cauda assim...
- Dalva, escuta, com você eu moro em qualquer endereço, mas quando é que a gente casa, me diz, me diz!
- Pronto, começou. Só quero ver se eles vão fazer as pazes.

—Dalva.
 —Agora fica quietinho.
 —Dalva, você tinha prometido que a gente ia resolver esse negócio hoje.
 —Psiu.
 —Dalva, olha pra mim, escuta.
 —Pára, sim!
 —DALVA!
 —PSIU! O Vítor ficou nervoso que só vendo. Até quando ele ia ter que pedir, implorar: Dalva, olha pra mim?! (2013, pp 28-29).

A partir deste trecho do texto, vários questionamentos podem surgir sobre a importância do diálogo. Seguem alguns que podem ser usados, mas que devem ser intercalados por aqueles que os alunos elaboram.

- Por que Dalva não prestava atenção ao que o Vítor dizia?
 - É correto que uma pessoa fale a a outra a ignore?
 - Quando você está com sua família, todos ouvem o que você diz?
 - Você presta atenção quando sua mãe se dirige a você?
 - Você respeita quando o seu colega está falando?
 - Em sua escola, sua professora ouve o que você diz? Ela responde quando você pergunta?
 - Na sua sala de aula, quando um colega está falando, os outros ficam escutando?
- Quando você está conversando com alguém, enquanto ela fala, você presta atenção ou fica pensando no que vai dizer a ela?
- Para conversar, é necessário que se pense no que vai dizer, antes de proferir a frase?
 - Qual é o seu assunto predileto?
 - Quando você está com seus amigos, você conversa somente sobre seus assuntos prediletos ou também sobre o assunto predileto de seus amigos?

1.2.6 Autonomia

A autonomia é a capacidade que um indivíduo racional tem para tomar uma decisão não forçada, baseada nas informações disponíveis. Segundo Lipman, a autonomia é a capacidade de observar provas e fatos, analisar e interpretar. Esse processo de se conseguir autonomia resulta na aquisição de uma visão própria do mundo.

O Vítor baixou a cara e desatou a cavar. Depressa; com toda a força; quem sabe cavando com força ele acabava esquecendo da Dalva? Cavou o pano que fazia de chão; saiu no tapete da sala, cavou. E cavou o forro que tinha por baixo, e foi cavando o taco que apareceu, e a gana de cavar era tão grande que quando acabou o taco e começou o cimento ele não parou: cavou também. Parecia que assim, de mágoa dentro, a unha ficava mais dura, muito melhor pra cavar, e ele foi cavando e cavando e cavou. E depois que acabou o cimento e veio a terra ele continuou do mesmo jeito, se enfiando cada vez mais fundo no túnel que ele ia fazendo, sem nem parar pra pensar onde é que o túnel ia dar. Cavou até gastar toda a força e muita mágoa, nem sabia quanto tempo. Cavou tão fundo, que foi dar no tempo que ele era tatu-criança (2012, pp 31-32).

Vítor, de tanto ser desprezado e não ser ouvido por Dalva, resolve ir embora, cavando, e cavando muito. Ele deixou a dependência em relação a Dalva e conquista sua autonomia. A partir desta situação, podem ser levantadas vários questionamentos:

. Vítor resolveu ir para outro lugar, quando se deu conta que Dalva não lhe dava a atenção devida. Ele agiu certo? - Será que a Dalva vai mudar a maneira de tratar Vítor, caso ele volte?

- Quando uma pessoa se sente contrariada, ela pode ir embora, pode abandonar as pessoas com quem convive?

- Em sua casa, você faz o que você quer ou o que sua família determina?

- Todos em sua casa fazem o que querem?

- Nós podemos fazer sempre o que queremos fazer?

- Podemos de deixar de fazer os nossos deveres de escola?

- Seu pai e sua mãe podem deixar de trabalhar?

- O que aconteceria se sua mãe parasse e dissesse: não vou mais fazer comida”

Os adultos são cheios de obrigações. Eles podem decidir que não vão mais cumprir com nenhuma delas?

- Existem punições quando se deixa de fazer as obrigações?

- Em algum momento de sua vida, você vai poder fazer tudo que quiser?

- Você acredita em tudo que lhe dizem?

Foram elaborados questionamentos que podem ser desenvolvidos com os alunos, a partir de uma obra literária. Foi apenas um início, apenas para que se perceba a riqueza que cada obra literária traz, tanto para o puro deleite do aluno quanto para que se estabeleça um processo do filosofar. O professor, poderá utilizar a obra inteira para estabelecer a Comunidade de Investigação. Tendo elaborado os questionamentos, ele deve acompanhar o debate, colocando-se apenas como mediador, quando perceber que o aluno não está conseguindo elaborar um questionamento, ele poderá ajudar este aluno, com questões assim:

- - Você está dizendo que?

- - Eu tive a impressão que você queria dizer?
- - Corrija-me se eu estiver errado, mas será que isso não é?
- - O que eu falei foi mais ou menos o que você quis dizer?
- - De que maneira podemos melhorar esta sua pergunta?
- - Alguém pode auxiliar-nos em relação à pergunta do fulano?

Esta forma de colocar os alunos interagindo, solicitando auxílio, faz com que o aluno sinta que é importante, que o que ele tem a dizer é importante para o professor e para os colegas. Até mesmo a auto estima da criança melhora, a partir do momento em que ela passa a participar dos debates.

CONCLUSÃO

A Filosofia para Crianças tem uma importância fundamental para o processo de ensino e para a aprendizagem das crianças.

A filosofia na infância tem um papel fundamental para o desenvolvimento do raciocínio lógico das crianças. Uma criança que passa pelo Ensino Fundamental, tendo como suporte, a Filosofia para Crianças, vai se tornar um adulto crítico, uma adulto que não vai ser “massa de manobra”, que não vai se deixar enganar por pessoas corruptos. Provavelmente, ela crescerá com integridade de caráter, com princípios éticos bem formados. Estes princípios serão percebidos e assimilados por ela, ao longo das aulas em que todos os valores e atitudes serão questionadas. Ela mesma, estará formando seu caráter, quando questiona o certo, o errado, o lógico, o racional, o que pode e o que não pode ser feito ou dito. Estes princípios não lhe serão impostos.

Os indivíduos serão autônomos em seus pensamentos e em suas atitudes. Autonomia que vai sendo conquistada aos poucos e de forma racional. Estas crianças serão capazes de demonstrar para os pais, os princípios éticos universais, porque estes não lhe serão dados para decorar, para fazer prova. Estes princípios éticos universais serão descobertos por cada um destas crianças, por meio dos debates, da participação da Comunidade de Investigação, na qual serão sujeitos participantes.

REFERÊNCIAS

BOJUNGA, Lygia. **O sofá estampado**. 32 ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2012,

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1999.

DANIEL, Marie France. *A Filosofia e as Crianças*. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

KOHAN, Wralter Omar. **Filosofia para crianças: a tentativa primeira de Lipman.** Petrópolis, Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 1998.

LIPMAN, Matthew. **A Filosofia vai à Escola.** Tradução de Maria Elice de Brzezinski e Lucia Maria Silva Kremer. – São Paulo: Summus, 1990.

LIPMAN, M. **O Pensar na Educação.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

LIPMAN, Mattew. **A filosofia na sala de aula** / Matthew Lipman, Ann Margaret Sharp, Frederick S. Oscanyan ; tradução de Ana Luiza Fernandes Marcondes. – São Paulo : Nova Alexandria, 2001.

LIPMAN, Mattew. **Pimpa- Manual do professor “Em busca do significado.** / Matthew Lipman, Ann Margaret Sharp,. – Rio de Janeiro, RJ: Centro Brasileiro de Filosofia, 2002.

Enviado em: 27/04/2021.

Artigo pré-aprovado nas bancas de defesa do curso de Pedagogia da turma 2020/2.

REEDUC
REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO